

O PRODUTIVISMO ACADÊMICO COMO O FRANKENSTEIN DA ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

GERALDO MAGELA JARDIM BARRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI (UFSJ)

EDSON ANTUNES QUARESMA JÚNIOR

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS (IFMG)

O PRODUTIVISMO ACADÊMICO COMO O FRANKENSTEIN DA ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

1 INTRODUÇÃO

Em sua obra prima, Shelley (2021) trata sobre o genial Dr. Frankenstein que, ávido pela sua capacidade de mudar a natureza das coisas, acaba criando algo que foi capaz de eliminar a própria existência do criador. Neste artigo, acredita-se que a compreensão sobre o fenômeno do produtivismo acadêmico no campo da administração perpassa por entender a ávida gênese da criação dos cursos de administração no Brasil.

Em seu início, a estruturação dos cursos de administração no Brasil em meados do Século XX foi impactada fortemente por uma perspectiva do gerencialismo do modelo de administração estadunidense. Tal fato ocorreu pela parceria existente entre instituições de ensino de administração estadunidenses e as instituições de ensino brasileiras que iniciaram esses cursos no Brasil. Além disso, o arcabouço teórico utilizado para ensino nas décadas seguintes contribuiu para o fortalecimento deste fenômeno bem como para surgimento das práticas do gerencialismo e sua “criatura”, o produtivismo acadêmico.

O surgimento do curso de administração no Brasil ocorreu em virtude da exigência de um quadro de administradores públicos e privados na metade do século XX. Esse fator conjugado com a possibilidade de oferta deste conhecimento pelas escolas estadunidenses criou um cenário do surgimento das primeiras escolas de administração no Brasil. Em meados do século XX, parcerias entre instituições de ensino estadunidenses e instituições de ensino brasileiras criaram espaço para o início dos primeiros cursos de administração no Brasil, com destaque para a Fundação Getúlio Vargas. Outras escolas de administração também iniciaram suas atividades nesse período.

Vale ressaltar que naquele momento histórico, o arcabouço teórico estadunidense de administração era, assim como o darwinismo do período da obra de Shelley (2021), percebido como muito avançado na época, entre diversos países do mundo. Sendo assim, foi possível acontecer o encontro de dois fatores: a necessidade de formação de um corpo de administradores para atuar nas organizações brasileiras e o interesse do governo dos Estados Unidos em prover este conhecimento em países como o Brasil.

A partir de então foram surgindo diversas instituições de ensino que na segunda metade do século XX, utilizaram em grande medida esse conhecimento de base estadunidense. O resultado desse processo foi a formação de um corpo administrativo necessário para aquele momento histórico. Por outro lado, houve o crescimento do fenômeno do gerencialismo: o uso indiscriminado de técnicas e ferramentas importadas para a aplicação em organizações brasileiras e sem a devida análise ética, crítica ou reflexiva. Pode-se considerar que essa crítica pode ser adaptada ao contexto do Frankenstein, que flerta com diversas questões relevantes enquanto disserta sobre os limites da aplicação do conhecimento em seu contexto específico.

Neste artigo, argumenta-se que, assim como o fisiologismo imanente àquela obra, deu cabo de seu criador, o produtivismo acadêmico foi capaz de se voltar contra a área de administração, colocando em risco sua própria existência. Esse fenômeno tem sido laicizado nos últimos anos, devido à influência dos rankings acadêmicos no fortalecimento da pressão institucional por maior produtividade acadêmica.

A análise das pesquisas em administração no Brasil reflete uma pressão no sentido de aumento da produção de artigos, contexto do fenômeno aqui discutido e tem como principal resultado o efeito nefasto de reduzir a qualidade dos trabalhos desenvolvidos neste campo do conhecimento, bem como, à criação das chamadas “revistas predatórias”, que têm metas financeiras para acolher a produção de artigos. Dessa forma, assim como para compreender a criação do Frankenstein argumenta-se que, para compreender o produtivismo acadêmico é importante analisar a construção histórica do conhecimento sedimentado nos cursos de administração do Brasil.

Face ao exposto, este ensaio teórico propõe analisar o fenômeno do produtivismo acadêmico no campo de pesquisa em administração, enfocando a sua gênese e o seu processo de maturação. Para tanto, sugere-se um retorno para contribuições teóricas mais consistentes, capazes de serem utilizadas por outros autores como pilares. Além disso, busca-se propor novos formatos para o amadurecimento das pesquisas no campo.

Espera-se que por meio dessa análise seja possível pensar novos caminhos para evitar que este efeito nefasto permaneça no ambiente dos programas de administração, ameaçando sua própria existência. Acredita-se que este artigo seja relevante para o campo de ensino e pesquisa em administração por abordar as implicações do fenômeno produtivismo acadêmico na formação do professor e do pesquisador.

Após este texto introdutório, apresenta-se a fundamentação teórica deste artigo abrangendo os antecedentes e contemporaneidade do produtivismo acadêmico. Na seção seguinte, apresenta-se a discussão sobre a busca da contribuição teórica. Por fim, na seção de conclusão são apresentadas possíveis contribuições. Para desenvolvimento deste artigo foram seguidas orientações contidas nos textos sobre ensaio teórico (MENEGETTI, 2011, BERTERO, 2011, RODRIGUES, 2012).

2 – ANTECEDENTES E CONTEMPORANEIDADE DO PRODUTIVISMO

2.1.1 Gênese do produtivismo acadêmico na administração no Brasil: o nascimento da criatura

As escolas precursoras dos cursos de administração surgiram no início do século XX, nos Estados Unidos. Embora modelos similares tenham surgido em alguns países da Europa, merecem destaque as escolas estadunidenses Harvard Business School e a Wharton Business School. No Brasil, a expansão econômica ocorrida após a Segunda Guerra Mundial e o crescimento das organizações públicas e privadas contribuíram para o crescimento da demanda por administradores, tendo como modelo o curso de administração estadunidense (WOOD, 2016).

O curso de Administração surgiu na metade do século XX no Brasil pela necessidade de administradores nos setores público e privado. Nessa época, havia uma crescente demanda por estes profissionais, fruto da expansão da indústria brasileira, bem como do crescimento do aparato burocrático estatal. Em virtude desta demanda e da possibilidade de parcerias com instituições de ensino estadunidense, foram iniciadas as primeiras escolas de administração no Brasil, como: Escola Superior de Negócios (ESAN), Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP), Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) (NICOLINI, 2003). Há, portanto, uma influência estadunidense na criação e desenvolvimento das escolas de administração no Brasil, influenciando na gênese dos cursos de Administração no Brasil.

Em casos como o da FGV-EAESP, houve investimento dos EUA, que foi o principal financiador da difusão do ensino de gerencialismo. Por meio de parceria com a Michigan State University, foram desenvolvidas as atividades de ensino com o envio de uma missão universitária de docentes. No Brasil, o ensino do management teve início na cidade de São Paulo, no final dos anos 1940. O primeiro foi na Escola Superior de Negócios (ESAN), que perdeu a proeminência para a FGV-EAESP e FEA-USP. No caso da FGV-EAESP, os EUA ajudaram a financiar a escola, participando com o envio de uma missão universitária de professores da Michigan State University para criar a instituição, além de fornecer treinamento a professores brasileiros em instituições de ensino estadunidenses (ALCADIPANI, BERTERO, 2012).

O papel dos EUA na criação dos cursos iniciais de administração no Brasil foram retratado em diferentes estudos: FGV-EAESP (ALCADIPANI e BERTERO, 2012, 2018), FACE-UFMG (BARROS, 2014) e FGV-EBAPE (COELHO e NICOLINI, 2014). A análise do papel da Fundação Ford na FGV-EAESP (COOKE e ALCADIPANI, 2015), demonstrou que não só o governo dos EUA estava interessado no ensino de administração no Brasil, mas também fundações estadunidenses. A FGV-EAESP foi pensada como um polo do ensino de administração no Brasil (COELHO e NICOLINI, 2013) e buscou influenciar a expansão da administração via UFRGS e UFBA (BARROS et al., 2018).

Bertero et al. (2019) estudaram como os Estados Unidos apoiaram a criação da Escola de Administração da UFBA, contando com o apoio da EAESP, vista como disseminadora no Brasil do modelo estadunidense de escolas de negócios. Concluíram que não sabiam lidar com as peculiaridades das universidades públicas e também tiveram de lidar com interesses locais relativos à introdução de um curso em Administração Pública e ao papel do Estado na regulação dos cursos.

No estudo de Barros et al. (2018) sobre a criação da escola de administração da UFRGS, constatou-se que a FGV-EAESP serviu apenas parcialmente como centro disseminador das técnicas do management. Embora não possa ser ignorada a importância do apoio dos EUA, ela deve ser relativizada, tendo em vista as adaptações realizadas nos objetivos do programa que foram impostas pela realidade brasileira.

Paes de Paula e Wood Jr (2008) criticam a transplantação de métodos gerenciais importadas de origem anglo-saxônica culminando com o desenvolvimento do management. Alcadipani (2011) retratando o fenômeno do produtivismo acadêmico já advertia sobre o risco das pesquisas no campo da administração caírem no contexto da academia inóspita, caracterizada por: processo de Mcdonaldização, cursos enlatados, redução da reflexão, diminuição da liberdade acadêmica, utilização em excessos de apostilas, transformação do discente em cliente, modelo gerencial de avaliação de docentes e ranqueamento da produção acadêmica.

Barra e Quaresma Junior (2022) argumentam que durante o momento de industrialização do Brasil a tendência pelo produtivismo acadêmico parece ter se ampliado. Segundo estes autores, a demanda pela formação de profissionais em escala e menos enquadráveis a uma situação em que o gerencialismo, sob influência da mensuração científica adotada nos Estados Unidos e Reino Unido, leva a uma performance baseada em pontuações analisadas por meio das avaliações educacionais, as quais são simbolizadas em rankings acadêmicos.

Por fim, os estudos sobre a criação de cursos de administração no Brasil e seus antecedentes conduzem a compreensão do fenômeno do produtivismo acadêmico por meio do aprofundamento da gênese deste curso. Por outro lado, também é muito importante compreender a maturação do produtivismo acadêmico nos cursos de administração no Brasil.

2.1.2 – Maturação do produtivismo acadêmico em administração no Brasil: a criatura se volta contra o criador

O fenômeno do produtivismo acadêmico já vem sendo discutido no campo da administração sob diferentes perspectivas, como: resistência ao produtivismo acadêmico (ALCADIPANI, 2011); avaliação da Capes (SHIGAKI; PATRUS, 2013); ótica de avaliadores de artigos (SHIGAKI; PATRUS, 2016), produtivismo acadêmico multinível (SILVA, 2019); influência estadunidense e do produtivismo acadêmico (BERTERO, 2006); produtivismo acadêmico, provincianismo e estrangeirismo acadêmico (BERTERO *et al.*, 2013); produtividade científica (IMASATO et al. 2017).

Barra e Quaresma Junior (2022) abordaram a maturação do produtivismo acadêmico em administração no Brasil. Eles constataram que há uma forte tensão entre o espaço ocupado por produções externas e nacionais, que se desdobram desde os processos avaliativos dos sistemas educacionais até o processo de transplantação de modelos gerenciais estadunidenses nos trabalhos de consultoria dos administradores, perpassando pela busca por “internacionalizar” as publicações acadêmicas brasileiras neste campo do conhecimento.

No Brasil, o processo de maturação do produtivismo acadêmico trouxe os efeitos indesejáveis da(s): pressão por publicação (ROSA, 2008); publicação em língua inglesa (ROSA e ALVES, 2011); desafios para o trabalhador-pesquisador (NETTO MACHADO e BIANCHETTI, 2011); fábrica de artigos (BISPO e COSTA, 2016); linha de montagem (BISPO e COSTA, 2019); excessivo apelo a métricas (XAVIER e BARROS (2017); anomalias do produtivismo acadêmico (GODOI e XAVIER, 2012), produção em série (RIGO, 2017); replicar, publicar e perecer (DE LIMA et al, 2020); coautoria cerimonial (ROSSONI, 2018); e até mesmo, da fraude acadêmica (BATTESTIN; DUTRA, 2019) e precarização da pesquisa (SILVA, 2019). Sozinhos, esses elementos já seriam capazes de interferir negativamente na área, mas somados, lançam uma névoa de incertezas a respeito da qualidade do excessivo número de artigos criados, da valorização do pesquisador e da pesquisa nacional, da ética dos trabalhos e dos trabalhadores.

Embora os pesquisadores do campo da administração tenham iniciado a discussão sobre o produtivismo acadêmico do final do século XX, o fortalecimento da discussão sobre o tema tem crescido nos últimos anos. Os artigos abordando este tema tem crescido em volume e parece haver também uma dispersão da discussão. De fato, esta temática passa a fazer parte da agenda de áreas de pesquisas diferentes do campo de estudos organizacionais, que foi a área precursora na discussão deste tema. Posteriormente, destaca-se a densidade dentro de cada ano analisado, à medida que anualmente há mais pesquisadores destacando o fenômeno (BARRA e QUARESMA JR, 2022).

Por fim, é importante ressaltar que os sistemas de rankings acadêmicos internacionais incentivam a maturação do produtivismo acadêmico. No Brasil, a agenda de pesquisa compõe a avaliação dos cursos de Administração (ROSA, 2008, ALCADIPANI, 2011; BERTERO et al., 2013; WOOD JR, e COSTA, 2015; XAVIER e BARROS, 2017; LAZZARINI, 2017; WOOD JR. e SOUZA, 2017; WOOD JR, 2019). Neste sentido, questiona-se neste ensaio teórico a possibilidade de novos caminhos para o amadurecimento do campo de estudos em administração, como o aumento do rigor científico, a relevância, o impacto social, os sistemas de avaliação, formação de pesquisadores. Talvez, a saída possa estar na busca pela contribuição teórica perceptível para os demais pesquisadores deste campo do conhecimento, enquanto alternativa para pensar o impacto.

3 – DISCUSSÃO

3.1 A busca da contribuição teórica: um caminho para evitar o fim do criador

Neste ensaio teórico, foi proposto a análise da gênese e o processo de maturação do produtivismo acadêmico no campo da administração. Como contribuição, sugere-se o retorno para a valoração das contribuições teóricas mais consistentes no intuito de serem utilizadas para o embasamento teórico de outros autores. Ademais, é fundamental a proposição de novos formatos para o amadurecimento das pesquisas no campo da administração. É necessário pensar novos caminhos para evitar que o efeito nefasto do produtivismo acadêmico permaneça no ambiente dos programas de administração, ameaçando sua própria existência.

Lazzarini (2017) propõe algumas práticas na pesquisa em administração em busca de maior impacto: desenvolvimentos teóricos e testes empíricos sobre problemas de relevância para organizações públicas; parcerias em pesquisas com organizações e institutos; pesquisa envolvendo organizações atípicas. Para o autor, é preciso encontrar problemas de elevada relevância local cuja análise rigorosa consiga trazer resultados inovadores que consigam desafiar conceitos ou teorias. Lembra que quando um artigo é publicado em periódicos de alto prestígio, a probabilidade de citação aumenta significativamente. Os artigos mais citados geralmente, apresentam um maior potencial de contestar visões preestabelecidas ou ainda são capazes de lançar luz sobre novos conceitos que apresentam significativa relevância.

Em outra perspectiva, Serva (2014) destaca o imperativo de organizar perspectivas teóricas que levem à visão crítica da administração como campo de estudos. Ele apresenta contribuições para melhoria da capacitação dos pesquisadores do campo da administração: melhoramento dos protocolos de pesquisa; atitude reflexiva; aproximação entre teoria e prática; melhor visão de conjunto do campo da administração e mapeamento do campo de atuação. Apresenta as possibilidades de uma expansão da epistemologia da administração para o amadurecimento da teoria da administração. Destaca que a intensificação de estudos epistemológicos reflete um começo de amadurecimento desse campo. Os pesquisadores do campo da teoria administrativa têm a oportunidade de rever os fundamentos, métodos, paradigmas e a própria estrutura do seu campo. Esse movimento pode permitir compreender o conjunto dos pressupostos sobre os quais a pesquisa é embasada. Ademais, possibilita prever as implicações das escolhas, promovendo mais reflexividade sobre a pesquisa.

Para Barra e Quaresma Junior (2022), a conjugação do rigor científico com a relevância é um fator importante para prover valorização das pesquisas. Há uma discussão recente sobre o uso de novos formatos de avaliação educacional baseado em número de citações. Tal concepção poderia mensurar de forma mais adequada do que o modelo tradicional por contribuir para os fatores de relevância científica.

Sobre esta temática, outros autores propõem ideias complementares, como: Wood e Costa (2015) com a combinação do índice H com outros indicadores que poderia ser uma ferramenta de avaliação e melhoria dos programas de pós-graduação na área; Wood e Souza (2019) que tratam da relevância conjugada com a manutenção do rigor científico; Wood (2017), que ressalta a importância do impacto social da pesquisa científica; e Wood *et al.* (2016) que reforçam a questão do valor do impacto da publicação.

Por fim, é importante ressaltar que este ensaio teórico resultou de um levantamento das produções que tratam o tema do produtivismo acadêmico e temas correlatos à esta questão no campo da Administração. Foram propostas contribuições relevantes para o estudo da temática a partir da discussão apresentada. Estudos futuros seguindo a perspectiva aqui apresentada construirá um campo de pesquisa sobre o tema, o que seria de grande valia no campo de estudos sobre o produtivismo acadêmico no curso de administração. Um caminho seria pensar nos efeitos das mudanças sobre o perfil do acadêmico que emerge da disputa produtivista.

4 - CONCLUSÃO

Diversos autores, nos últimos anos, vêm criticando o uso indiscriminado de ferramentas administrativas sem uma visão crítica da administração no Brasil (ALCADIPANI, BERTERO, 2018; BARRA, QUARESMA JUNIOR, 2022, ALCADIPANI, BERTERO, 2012. PAULA E WOOD JR, 2008, NICOLINI, 2003). Esse fato influenciou fortemente a forma de administrar as organizações no Brasil.

Os cursos de administração no Brasil com forte influência internacional principalmente de conceitos da gestão estadunidense iniciaram suas atividades de ensino baseados em uma forma mecanicista. O enfoque era muito voltado para o ambiente empresarial especialmente para o contexto industrial, mas apesar das críticas, o modelo gerencialismo/produtivismo se voltou para a própria academia. Em paralelo a este fato surgiu nas últimas décadas uma pressão muito grande nessas escolas de administração no Brasil pelo aumento da produção científica, influenciada pelos rankings acadêmicos. Vale ressaltar que não é um fenômeno apenas brasileiro, mas também ocorre em diversas regiões do mundo e em diferentes áreas da ciência.

Especificamente no caso da administração, o fenômeno do produtivismo acadêmico tem tido um efeito nefasto sobre a qualidade do ensino e da pesquisa. De fato, a pressão por quantificação da produção científica gera resultados inadequados como artigos de baixa qualidade, pesquisas de curto prazo, pesquisas sem o devido impacto social, baixa relevância, redução do rigor científico. Esta pressão coloca em risco a existência do campo enquanto *locus* de produção de conhecimento acadêmico. Portanto, assume-se que este ensaio teórico seja relevante para o campo de ensino e pesquisa em administração principalmente por abordar as implicações do fenômeno do produtivismo acadêmico na formação do professor e do pesquisador brasileiro deste campo do conhecimento.

Nesse sentido, é necessário discutir o fenômeno do produtivismo acadêmico buscando encontrar novos caminhos que permitam avaliar a qualidade da academia no campo da administração e neste ensaio, sugere-se um retorno para contribuições teóricas mais consistentes, capazes de serem utilizadas por outros autores como pilares. Além disso, buscase propor novos formatos para o amadurecimento das pesquisas no campo, de maneira que o Frankenstein da academia em administração retorne ao seu local de origem: o campo das fábulas.

Referências Bibliográficas

ALCADIPANI, R. Periódicos brasileiros em inglês: A mímica do publish or perish “global”. RAE-Revista de Administração de Empresas, 57(4), 405-411. 2017.

ALCADIPANI, R. Academia e a fábrica de sardinhas. Revista Organizações & Sociedade, Salvador, BA, v. 18, n. 57, p. 345-348, abr.-jun. 2011.

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo acadêmico: uma ode à perturbação acadêmica. Cadernos EBAPE BR, v. 9, n. 4, p. 1174-1178, 2011.

ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. Guerra Fria e Ensino do Management no Brasil: O Caso da FGV-EAESP. RAE (Impresso), v. 52, p. 284-299, 2012.

ALCADIPANI, R; BERTERO, C. Os EUA, a exportação e a expansão do ensino de Management no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Cadernos EBAPE, v. 16, p. 50-63, 2018.

BATTESTIN, C.; DUTRA, J. DA C. Aonde vamos com tanta pressa? Os entraves do produtivismo acadêmico. Diálogo das Letras, v. 8, n. 2, p. 2-17, 10 ago. 2019.

BARRA, G. M. J.; QUARESMA JUNIOR, E. A. Evidências do Produtivismo acadêmico na Produção Acadêmica da Administração Brasileira. In: SEMEAD - Seminário em Administração, 2022, ON-LINE. XXV SEMEAD - Seminário em Administração, 2022.

BARROS, A.; ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. O. A Criação do Curso Superior em Administração na UFRGS em 1963: Uma Análise Histórica. RAE. Revista de Administração de Empresas, v. 58, p. 3-15, 2018.

BARROS, A. Antecedentes dos Cursos Superiores em Administração Brasileiros: As Escolas de Comércio e o Curso Superior de Administração e Finanças. Cadernos EBAPE, v. 15, p. 88/5-100, 2017.

BARROS, A. N. Uma Narrativa sobre os Cursos Superiores em Administração da FACE/UFGM: Dos Primeiros Anos à sua Unificação em 1968. Cadernos EBAPE, v. 12, p. 07-25, 2014.

BARROS, A.; CARNEIRO, A. T. Estado, Formação de Gestores e a Pós-Graduação em Administração Brasileira: O Caso do PNTE. RAP. Revista Brasileira de Administração Pública, v. 52, p. 822-839, 2018.

BERTERO, C. O., et al. Os desafios da produção do conhecimento em Administração no Brasil. Cadernos EBAPE, Rio de Janeiro, v. 11, n.1, Opinião1, p.181 – 196, mar. 2013.

BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD Jr., T. Produção Científica em Administração de Empresas: provocações, Insinuações e Contribuições para um debate local. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 147-178, jan.-abr. 1999.

BERTERO, C. O. Ensino e pesquisa em administração. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BERTERO, C. O. O Que é um Ensaio Teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneghetti. RAC, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 338-342, Mar./Abr. 2011

BERTERO, C., ALCADIPANI, R., CABRAL, S., FARIA, A., ROSSONI, L. Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. Cadernos EBAPE, 11(1), 181-196. 2013

BERTERO, C. O.; BARROS, A.; ALCADIPANI, R. Missionários Americanos na Bahia: O Bacharelado em Administração da Escola de Administração da UFBA. Cadernos EBAPE, v. 17, p. 144-155, 2019.

BISPO, M. S. Se publicar é preciso, avaliar também é! RAE-Revista de Administração de Empresas, 58(4), 438-442. 2018.

BISPO, M. S., COSTA, F. J. Artigos como avaliação discente em disciplinas de pós-graduação: Instrumento educativo ou subsistema de linha de montagem? Cadernos EBAPE.BR, 14(4), 1001-1010. 2016

COOKE, B.; ALCADIPANI, R. Towards a Global History of Management Education. The Case of the Ford Foundation and the Sao Paulo School of Business Administration, Brazil. Academy of Management Learning & Education , v. 14, p. 482-499, 2015.

COELHO, F. de S.; NICOLINI, A. M. Do auge à retração: Análise de um dos estágios de construção do ensino de Administração Pública no Brasil (1966-1982). Organizações & Sociedade, 2013.

COELHO, F. de S.; NICOLINI, A. M. Revisitando as origens do ensino de graduação em Administração Pública no Brasil (1854-1952). RAP-Revista de Administração Pública, 2014.

DE LIMA, C. E.; RODRIGUES, C. C. C; PEREIRA, J. J. Replicar, publicar e perecer: produtivismo acadêmico no campo da Administração no Brasil. Linhas Críticas, v. 26, p. 1-21, 2020.

FARIA, A. Repensando produtivismo acadêmico em gestão no (e a partir do) Brasil. Cadernos EBAPE.BR, v. 9, n. 4, p. 1164-1173, 2011.

GODOI, C. K; XAVIER, W. G. O produtivismo acadêmico e suas anomalias. Cadernos EBAPE. BR, v. 10, n. 2, p. 456-465, 2012.

IMASATO, T.; PERLIN, M. S.; BORENSTEIN, D. Análise do Perfil dos Acadêmicos e de suas Publicações Científicas em Administração. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 62-83, fev. 2017

LAZZARINI, S. Pesquisa em Administração: Em busca de impacto social e outros impactos. Revista de Administração de Empresas, 57(6), 620-625. 2017.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico?. RAC, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar./Abr. 2011

NETTO MACHADO, A. M.; BIANCHETTI, L. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador RAE-Revista de Administração de Empresas, vol. 51, núm. 3, 2011, pp. 244-254

NICOLINI, A. Qual será o futuro da fábrica de administradores? Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 44-54, abr.-mai.-jun. 2003.

PAULA, A. P. P. de; WOOD JR., T. Dilemas e ambiguidades da 'Indústria do conselho': um estudo múltiplo de casos sobre empresas de consultoria no Brasil. Revista de Administração Contemporânea, v. 2, n. 2, p. 171-188, mai./ago., 2008

RODRIGUES, V. G. O ensaio como tese. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012

ROSA, A. R. "Nós e os índices": um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. Revista de Administração de Empresas, v. 48, p. 108-114, 2008.

ROSA, A. R.; ALVES, M. A. Pode o conhecimento em gestão e organização falar português? Revista de Administração de Empresas, v. 51, p. 255-264, 2011.

RIGO, A. S. Comunidade acadêmica, produtivismo acadêmico e avaliação por pares. RAE-Revista de Administração de Empresas, 57(5), 510-514. 2017

ROSSONI, L. Produtivismo acadêmico e coautoria cerimonial. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, 17(2), 1-8. 2018.

SERVA, M. O Surgimento e o desenvolvimento da Epistemologia da Administração – Inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. Revista Gestão Organização, Chapecó, Edição Especial, p. 51-64, 2014.

SHELLEY, Mary. Frankenstein ou o Moderno Prometeu. Martin Claret, 2021.

SILVA, A. B. da. Produtivismo acadêmico multinível: Mercadoria performativa na pós-graduação em administração. Revista de Administração de Empresas, v. 59, p. 341-352, 2019.

VALLE, M. M.; BERTERO, C.; ALCADIPANI, R. Caminhos Diferentes da Americanização na Educação em Administração no Brasil: A EAESP/FGV E A FEA/USP. Administração: Ensino e Pesquisa (RAEP), v. 14, p. 837-872, 2013.

WOOD JR, T., COSTA, C. C. M. Avaliação do impacto da produção científica de programas selecionados de pós-graduação em Administração por meio do índice H. Revista de Administração, 50(3), 325-337. 2015.

WOOD JR, T. Origens do Produtivismo acadêmico e o caminho do impacto social do conhecimento. Ensino Superior Unicamp, v. 16, p. 1, 2016.

WOOD JR., T. Resisting and Surviving the Mainstream Scientific Model: Findings on Social Relevance and Social Impact in the Tropics. Management Learning, v. 48, p. 65-79, 2017.

WOOD JR., T.; SOUZA, R. Os Caminhos da Pesquisa Científica em Administração em Busca da Relevância Perdida. Organizações & Sociedade, v. 26, p. 535-557, 2019.

WOOD JR, T; COSTA, C. C. M. Avaliação do Impacto da Produção Científica de Programas Selecionados de Pós-graduação em Administração por Meio do Índice H. RAUSP-e (São Paulo), v. 50, p. 325-337, 2015.

WOOD JR, T; COSTA, C. C. M.; LIMA, G. M. R.; GUIMARAES, R. C. Impacto Social: Estudo sobre Programas Brasileiros Selecionados de Pós-graduação em Administração de Empresas. RAC - Revista de Administração Contemporânea, v. 20, p. 21-40, 2016.

XAVIER, W. S.; BARROS, A. Para Além das Métricas: O Que Faz uma Academia Qualificada? Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 4, p. 391-428, 2017.